



**CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

EDNALVA VIRGINIO DA SILVA

**ENTRE O SER E O TEMPO DA POESIA: TRÊS OLHARES EM
POEMAS DE *VIAGEM*, DE CECÍLIA MEIRELES**

GUARABIRA/PB
AGOSTO DE 2013

EDNALVA VIRGINIO DA SILVA

**ENTRE O SER E O TEMPO DA POESIA: TRÊS OLHARES EM
POEMAS DE *VIAGEM*, DE CECÍLIA MEIRELES**

Monografia apresentada ao Departamento de Letras, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, como exigência para a obtenção do título de graduada em Letras.

Orientadora: Profa. Ms. Monaliza Rios Silva.

GUARABIRA/PB
AGOSTO DE 2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

S586e Silva, Ednalva Virginio da

Entre o ser e o tempo da poesia: três olhares em poemas de viagem, de Cecília Meireles / Ednalva Virginio da Silva. – Guarabira: UEPB, 2013.

33 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras)
Universidade Estadual da Paraíba.

Orientação Prof. Ma. Monaliza Rios Silva.

1. Poesia 2. Intimismo 3. Cecília Meireles I. Título.

22.ed. CDD B869.1

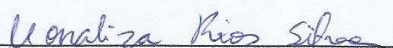
EDNALVA VIRGINIO DA SILVA

**ENTRE O SER E O TEMPO DA POESIA: TRÊS OLHARES EM
POEMAS DE VIAGEM, DE CECÍLIA MEIRELES**

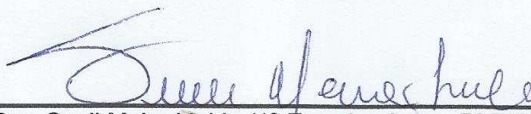
FOLHA DE APROVAÇÃO

A monografia "Entre o Ser e o Tempo da Poesia: Três Olhares em Poemas de Viagem, de Cecília Meireles", da autora Ednalva Virgínio da Silva, foi apresentada no dia 27/08/2013, obtendo a nota: 10,0 (dez).

BANCA EXAMINADORA:



Prof. Ms. Monaliza Rios Silva (Orientadora – DLE/CH/UEPB)



Prof. Dra. Sueli Meira Liebig (1ª Examinadora – DLE/CH/UEPB)



Prof. Ms. Suênio Stevenson Tomaz da Silva (2º Examinador - UAL/CH/UFCCG)

Dedico este trabalho àqueles que me fizeram acreditar na realização de meus sonhos e que juntos comigo lutaram para que eu pudesse conquistá-los. A meus amigos, à minha mãe: Lucia Maria Virginio da Silva e a meus avós maternos (*in memoriam*) que sempre estiveram me dando força e construindo os degraus que, para mim, pareciam difíceis de ser alcançados. A você John Lennon Oliveira da Silva, meu companheiro no amor, na vida e nos sonhos, que sempre me apoiou nos momentos mais difíceis e que sempre compartilhou comigo os momentos de alegria e tristeza. E, especialmente, à professora Monaliza Rios, que sempre acreditou na minha capacidade e, como orientadora, não mediu esforços em nenhum momento em todas as etapas deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, pelo dom da vida, da saúde, do amor e da sabedoria.

À querida professora **Monaliza Rios** pela sua amizade, paciência, compreensão e imprescindível orientação acadêmica.

A **todos os amigos** que contribuíram em todo o período de vida acadêmica, especialmente aqueles que me incentivaram para que eu continuasse na busca pela realização de meus sonhos.

A todos **os professores** do Curso de Licenciatura Plena em Letras, da UEPB, Campus III, que de uma forma ou de outra fazem parte de toda essa conquista.

A todas as **pessoas** que, direta ou indiretamente contribuíram com carinho e atenção durante a construção desse trabalho.

RESUMO

Envolvido pelo que há de mais íntimo na poesia, mergulharemos em uma viagem que nos fará refletir sobre o simbolismo reproduzido na natureza e a fugacidade do tempo sentida pelo Ser em transitoriedade. No primeiro momento, buscaremos conhecer a poesia entre o Ser e o Tempo. Em seguida, sob a luz de Martins Heidegger (2002), iremos ao encontro do entendimento do Ser. Mais adiante, através da fortuna crítica em Bosi (1996), Sadlier (2007) e Damasceno (1994), buscaremos entender a poesia intimista de Cecília Meireles. Como não poderia faltar, faremos uma análise de três poemas, em que se terá uma compreensão melhor do tema abordado. Contudo, este trabalho tem como abordagem sobre o intimismo de Cecília Meireles, expressado na obra *Viagem* (1942).

Palavras-chave: Poesia. Intimismo. Ser e Tempo. Fugacidade.

ABSTRACT

Involvement into the most intimate universe of poetry, we dive deep into a voyage that it might make us reflect over Symbolism reproduced in Nature and through the fugacity of time, which is felt by the means of the Being in transience. At first, this study deals with poetry between the concepts of Being and Time. Afterwards, by the light of Martin Heidegger (2002), this research will meet the dealings with Being. Moreover, through critics, such as: Bosi (1996), Sadlier (2007) and Damasceno (1994), this study searches for understanding the intimate poetry by Cecília Meireles. Therefore, there will be an analysis in three poems, in which one will be approaching to a better comprehension of the related themes under examining in this research. However, this study focus on intimate poetry by Cecília Meireles, presented in her work *Viagem*, 1942.

Keywords: Intimate Poetry. Being and Time. Fugacity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO		8
CAPÍTULO 1	A Poesia: entre o Ser e o Tempo	10
	1.1 Escritos sobre o <i>Ser</i> , a partir de Martin Heidegger	11
CAPÍTULO 2	A Poesia Intimista de Cecília Meireles	15
	2.1 Vozes Outras no Estudo da Obra de Cecília Meireles	17
	2.2 <i>Viagem</i> : o Ser e o Tempo Pegam Carona Cecília Meireles	21
CAPÍTULO 3	Os Olhares em Três Poemas	25
	3.1 Epigrama N°2	25
	3.2 Aceitação	27
	3.3 Acontecimento	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS		32
REFERÊNCIAS		33

INTRODUÇÃO

A obra de Cecília Meireles (1901-1964) apresenta muitas faces. A poeta construiu sua poesia dentro de um intimismo lírico que encanta os que procuram se nutrir desse eufemismo. Em especial, o livro *Viagem* (1942) traduz, de forma lírica o Ser, através de suas visões subjetivas dos sentimentos, referente às questões transcendentalistas. Tudo isso dentro de uma ótica voltada para a descoberta do “Ser” e da transitoriedade e fugacidade do tempo.

Após uma leitura dessa obra, escolhi três poemas para serem analisados, são eles: “Epigrama Nº 2”, “Aceitação” e “Acontecimento”, por entender que esses poemas têm um sentido contínuo. No primeiro poema, nota-se a vivência de um desencanto; no segundo, vê-se a aceitação da situação; e no terceiro, percebe-se o relato do acontecimento. Tudo isso, visto sobre o olhar intimista de Cecília Meireles.

Viagem é considerada a obra que consagrou a autora e foi premiada pela Academia Brasileira de Letras, além de ser considerada pela crítica como a obra que revela o maior amadurecimento da autora, pois mostra a sua consciência do fazer poético e o de ser poeta. É perceptível que uma das principais linhas poética que da obra cecilianiana é o intimismo, evidenciado através do jogo de palavras, na experiência da transitoriedade do tempo e na descoberta do Ser.

Estudar a poesia de Cecília Meireles é como mergulhar num mar de ondas calmas e infinitas, ondas estas que aquietam o nosso espírito e nos convidam a vivenciar situações que mexem com o nosso Ser. Sua poesia nos encanta e, se não nos oferece respostas para nossas indagações, indica caminhos para nos encontrarmos em meio à fugacidade das coisas que saltam sobre nós; esse é o principal motivo da escolha dessa obra. É, sem sombra de dúvida, um grande prazer poder trabalhar com alguns poemas dessa obra e, ao mesmo tempo, conhecer mais a fundo essa autora encantadora.

Para entendermos o intimismo ceciliano é preciso concebermos o que é poesia. De acordo com Alfredo Bosi (1996), entenderemos que a poesia é a tradução, em palavras, do universo desconhecido das emoções do Ser no Tempo,

que transmite significados nas entrelinhas dos versos pela magia das palavras e leva o “Ser a criar imagens” (BOSI, 1996, p. 13). No entanto, para que haja um maior aprofundamento, temos que buscar o entendimento do Ser, da transitoriedade vivida pelo Tempo, nada mais justo que fazermos essa análise sob o olhar de Martin Heidegger (2002), pois este autor vem nos revelar que a linguagem poética está relacionada ao Ser, ou seja, a linguagem da poesia está relacionada com as manifestações do Ser dentro do transcendentalismo.

Para melhor conhecer Cecília Meireles é preciso ir de encontro com pessoas que conheceram a autora e sabiam da competência dela como o poeta Mário de Andrade, dentre outros. Dando continuidade ao processo de encantamento com a poesia, foi necessário usar a fortuna crítica sobre a autora, sob o olhar de Darlene Sadlier (2007), que vem reconhecer que Meireles trabalhou com os temas do tempo e da fugacidade, em grande estilo. Um outro crítico utilizado foi Darcy Damasceno (1994), apaixonado pela obra e profundo analista da poesia da autora.

Nesta pesquisa, analisaremos três poemas com o intuito de mostrar como é trabalhado o intimismo, o significado do tempo, a efemeridade de cada minuto de existência. Assim, conheceremos um pouco dessa poeta que tanto nos encanta.

CAPÍTULO I – A POESIA: ENTRE O SER E O TEMPO

Entre o ser e o tempo nos deparamos com a poesia, poderíamos dizer que esta última é a morada do ser. A poesia está relacionada com a questão do sentido do ser, o poeta (criador) é aquele que escuta e escreve o que o ser quer expressar. A poesia é a tradução em palavras do universo desconhecido das emoções do ser no tempo, que transmite significados nas entrelinhas dos versos pela magia das palavras e leva o ser a criar imagens. Essas imagens criadas pelo ser, através dos versos da poesia, são vistas por Alfredo Bosi como um modo de presença que tende a suprir o contado direto e a manter, juntas à realidade do objeto em si, a existência em nós (BOSI, 1996, p. 13).

Os poetas são mensageiros, observadores que são capazes de captar os sinais e a voz silenciosa do ser que se expressa através das imagens. O poeta cria com a matéria-prima da imaginação, um efeito móvel da compreensão, o modo imaginário pelo que se dá a empatia entre quem escreve e quem ler. Nesse andamento, deparamo-nos com a duração do tempo o qual forma (ou deforma) o ser, “o agora refaz, o passado e convive com ele” (BOSI, 1996, p. 13).

Para Heidegger, a linguagem, mais precisamente, a da poesia é entendida como o lugar privilegiado das manifestações do ser. Nisso, podemos relacionar a poesia à expressão do ser, ou seja, a poesia é o que o ser sente ao viver no tempo. Poesia é sentimento que nos abre ao mundo de diferentes formas.

Bosi nos diz que o poema está diretamente ligado à imagem reproduzida em palavras. A teoria da forma ensina que a imagem tende, para nós, ao estado de sedimento, de quase-matéria posta no espaço da percepção, idêntica a si mesma. Nós acreditamos fixar o imaginário em um cenário, de um poema, de um romance. Quer dizer: é possível pensar em um sistema de imagens, como se pensa em um conjunto de astros, a mente é quem dá forma a imagem, como se objeto e imagem fossem entes dotados de propriedades semelhantes.

Mas, somos advertidos do perigo do engano, mesmo que parcial, que a identificação pode supor. A imagem não decalca o modo de ser do objeto, não há

uma reprodução exata do ser, ainda que de alguma forma essa identificação nos ajude a apreender o objeto. Isso se dá porque o imaginado é, ao mesmo tempo, dado e construído. Dado, enquanto matéria. Mas construído, enquanto forma para o sujeito. Dado: não depende da nossa vontade de receber as sensações de luz e de cor que o mundo provoca. Mas construído: a imagem resulta de um complicado processo de organização perceptiva que se desenvolve no decorrer da vida.

Bosi, ao se questionar sobre o que é uma imagem dentro do poema, afirma que não é evidentemente um ícone do objeto que se fixou na retina, nem um fantasma produzido na hora do devaneio, mas sim, uma palavra articulada (BOSI, 1996, p. 21). Ou seja, algo flexível que muda com o tempo, com o que o ser sente.

Essa imagem é captada através do olhar que, segundo Santo Agostinho, o olho é o mais espiritual dos sentidos, todo o platonismo reporta à ideia da visão, que é mais livre do que os demais órgãos dos sentidos e que possui maior carga de passividade e sensualidade. Visão está que é movida pelo pensamento das motivações que os sentimentos reportam:

a vontade de prazer, o medo da dor, as redes de afeto que se tecem com os fios do desejo vão saturando a imaginação de um pesado lastro que garante a consciência e as persistências do seu produto, a imagem (BOSI, 1996, p. 18).

Com essas palavras, tentamos traduzir como a poesia apreende a palavra no momento exato da transmutação do ser, capturado no tempo, em imagem. A partir desta imagem, a capacidade humana da percepção capta o sentido do enunciado poético. Porém, para além do ser-se, puramente, a Poesia transcende a força do *verbum*. Sendo assim, passemos para o tópico a seguir, em que o filósofo Heidegger nos responde sobre a natureza do *Ser*.

1.1 Escritos sobre o *SER*, a partir de Martin Heidegger

O Ser, segundo Heidegger, através da Ontologia, diferencia-se do ente e demonstra o tempo como horizonte de compreensão do Ser. Este último é definido

como aquilo que se faz presente no ente, que o ilumina e se manifesta nele. Embora o Ser esteja no ente, não há nada no ente que revele a natureza do Ser.

Todos nós temos uma compreensão prévia ao ouvirmos a palavra Ser. Tal compreensão pré-enunciativa permite dizer que o Ser é a base para toda e qualquer interpretação do ente. A investigação do Ser, através da Ontologia afirma que esta questão vai muito além de simplesmente reassumir uma tradição venerada e um problema sem transparência (HEIDEGGER, 2002). O ente que, de algum modo, está sempre em uma compreensão vaga e mediana do Ser é o próprio existente humano.

A busca pela interpretação do Ser tem sua origem desde seus primórdios e desde então não foi fácil defini-Lo, a visão de Heidegger é resgatar o estudo sobre a definição do Ser, de forma crítica. A busca presente nesse questionamento não é algo que seja totalmente desconhecido, mesmo que num primeiro momento seja algo inapreensível. Pergunta-se pelo Ser, o qual determina o ente como ente, pois ele se encontra compreendido em qualquer discussão que se faça ou venha a fazer.

Porém, o Ser dos entes não é em si mesmo um outro ente. Por isso, insiste Heidegger em dizer-nos que este ente que nós mesmos somos é o “Dasein”¹, é aquele que, em virtude de seu próprio ser, tem a possibilidade de colocar questões. Essas questões são fundamentais, pois visa às condições *a priori* de possibilidade não só das ciências que realizam pesquisas sobre os entes e que, ao realizá-la, movem-se na compreensão do Ser. A questão sobre o Ser aponta para as condições de possibilidade presente nas próprias ontologias que antecedem e fundam as chamadas ciências ônticas.

Na busca de encontrar uma solução para essas questões, Heidegger apresenta o “Dasein”, que se relaciona com o Ser. Ou seja, a capacidade do questionar-se põe o homem diante da presença do “estar lá” – “Dasein”, tornando-o próximo ao Ser. O “Dasein” tem o primado ontológico como sendo sua existência interpretada na temporalidade. A pergunta sobre o Ser deve ser interpretada para além das aparências, onde se percebe o sentido do cuidar que implica

¹ Dasein (do alemão: *da* – lá + *sein* – estar; estar lá, literalmente). *Dasein* é o termo principal na filosofia existencialista de *Martin Heidegger*.

temporalidade, estrutura constitutiva do homem. Quanto ao primado ôntico, o “Dasein” não é apenas um ente que ocorre entre outros.

A visualização, o compreender e o escolher são atitudes que constituem o perguntar do ente, sendo que, ao mesmo tempo, são os modos de Ser de um determinado ente, o próprio que se questiona. Dessa maneira, para elaborar a questão do Ser, é necessário tornar transparente um ente que possa exercer a atividade de questionar em seu Ser e ao mesmo tempo falar dele.

A tarefa do “Dasein” fica totalmente orientada para a tarefa de guiar a elaboração sobre a questão do Ser, a partir de uma analítica existencial, a qual não tem a pretensão de proporcionar uma ontologia completa a respeito do “Dasein”. Ela explicita o Ser desse ente; o que lhe compete é liberar o horizonte para a mais originária das interpretações do Ser.

Portanto, essa investigação é polarizada pela autenticidade ou pela inautenticidade em que se resolve. Mas, o ponto de partida para evitar a intromissão de conceitos previamente elaborados, mas não aclarados, é a mediania banal da vida cotidiana, como o nível de interpretação corrente de si mesmo, dos outros e do mundo em que o “Dasein” já se encontra. Compreender o “Dasein” é também compreender os entes presentes no mundo.

O Ser em questão é a compreensão de si próprio, a partir da relação estabelecida com os entes que se vai convivendo na cotidianidade do mundo, no qual se está inserido, sendo que sua presença no mundo dispõe de uma variada interpretação e sua presença depara com dificuldades presentes em seu modo de Ser que leva ao horizonte possível, através do qual podemos compreender a existência.

Heidegger admite que exista a instância do tempo: o agora como transcendência intratemporal, incluindo o homem, revela a temporalidade como função de unir a essência com a existência.

A temporalidade nos permite compreender o Ser na sua totalidade, enquanto conjunto de todas as possibilidades. O tempo que cerca o Ser é finito e assegura o gênese do Ser no tempo da existência cotidiana. O sentido do Ser está dentro da progressão temporal que podemos chamar de intratemporal que deriva da

temporalidade. Porém, ao derivar da temporalidade, o intratemporal modifica-lhe a ordenação dos êxtases, pondo na dianteira o presente em função das coisas ou objetos na direção dos quais se temporaliza.

Partindo, então, do mundo circundante, ou seja, do mundo no qual nos encontramos lançados, em relação com os entes, Heidegger busca o esclarecimento da estrutura ontológica geral da humanidade presente no mundo e apresenta a noção de ser-no-mundo como uma percepção ou pensamento formado a partir da combinação de lembranças com acontecimentos atuais que lhe possibilita analisar as estruturas fundamentais do ente que possui a compreensão de ser.

Somente o “Dasein” é capaz de compreender seu próprio Ser, somente ele, de igual modo, é capaz de perceber e se relacionar com o mundo que o rodeia. A temporalidade heideggeriana passa-se no domínio da consciência e quer o passado quer o futuro, embora referidos como o antes e como o depois, são referidos no presente que comumente se entende a partir dos termos “futuro”, “passado” e “presente”.

O significado desses termos, para o filósofo, seria oriundo do tempo comum ou impróprio. Ademais, o tempo impróprio seria, por sua vez, derivado da temporalidade originária. A temporalidade como unidade originária do futuro, do haver sido e do presente é, em si mesma extática horizontal. O tempo originário é intrinsecamente fora de si. Tal é a essência da temporalização.

O Ser é transcendente que se descobre na transcendência do “Dasein”. Assim, a ontologia fundamental é a filosofia realizada como Ontologia universal e fenomenológica que leva o Ser a ser no mundo. Nisto, a realidade é remetida aos cuidados e está ligada ao Ser não podendo ser o significado do real, podendo ser o que é, fazendo com que o “Dasein” exista e nisso o Ser se dá, ou seja, se não existir o “Dasein”, não existirá o Ser.

É neste escopo de discussão que enquadramos a poesia de Cecília Meireles em seu livro *Viagem*, primeiramente publicado em 1942. Houve uma seleção de três poemas que serão analisados a seguir, sob a perspectiva da poesia intimista. Para tanto, fez-se necessária uma incursão pela ideia do texto poético e sua conjuntura entre o Ser e a transcendentalidade temporal da poesia.

CAPÍTULO II – A POESIA INTIMISTA DE CECÍLIA MEIRELES

Por mais que vários indícios da escrita intimista tenham aparecido em diversas épocas da Literatura Portuguesa como, por exemplo, pode-se notar desde o Cancioneiro Geral, de Garcia de Resende; a Lírica, de Camões; entre tantos outros que passaram séculos afora. É apenas no século XVIII que, efetivamente, a escrita intimista aparece como temática, tornando-se objeto de estudos e pesquisas, passando pelos séculos XIX e XX.

Mas, o que é poesia intimista? De acordo com o Dicionário Aurélio (2004, p. 325), *intimista* seria um adjetivo que se refere a uma “poesia” e ao “poeta” que exprimem, num tom confidencial, os sentimentos mais secretos da alma. Cecília Meireles mergulha no mundo do “eu” e, através da reunião de sensações reproduzidas por diferentes órgãos (visão, tato, olfato, paladar e audição, ou seja, pela sinestesia), revela seu intimismo. Para a autora, a vida é um fluxo constante onde a transitório emerge da consciência do Ser, que compreende a brevidade da vida e assim mergulha no seu íntimo.

O intimismo ceciliano é notado pela sensibilidade e pela beleza; pela intuição e pela emoção; além da maneira pela qual são empregadas as palavras (sintaxe poética). Percebe-se a nitidez do intimismo em suas obras ao identificar a presença do transcendentalismo em seus poemas. A fuga do concreto, através da sensibilidade do presente, revela o mundo, enquanto matéria, e o mundo metafísico, que é marcado pela presença/passagem do tempo, onde se tem a clara visão que tudo é transitório.

Cecília Meireles (1964), em entrevista, afirma que sua poesia é resultado de um processo interior, uma conversa com a realidade e com o que não faz parte desse plano, que a autora chama de “transmundo”. Ainda afirma a poeta que o contato com a morte a proporcionou uma compreensão maior e mais suave entre o passageiro e o eterno. A solidão e o silêncio, desde muito cedo fizeram parte de sua vida e, ao contrário do que se pode imaginar, Meireles criou um mundo onde refinava sua sensibilidade, trabalhava sua consciência e revelava seu “eu”.

A poesia nasce com a emoção humana e se enraíza no destino dos homens, fazendo florir/desabrochar todos os desejos. E esse florir/desabrochar brota naturalmente, embriagados pela alegria do amor e do lirismo. O texto poético tem uma particularidade em sua forma, desde sua escrita até a figura de linguagem usada para dá ritmo a métrica do poema.

A poesia nasce com a primeira emoção humana. Desde então nunca mais deixa de acompanhar o destino dos homens, fazendo florir desejos “impossíveis”. Para Cecília Meireles, o escritor é a pessoa que diz o que muitos sentem e não sabem expressar e que “a responsabilidade do poeta é dizer essas coisas, que nem todas as pessoas sentem, mas que o escritor ensina a sentir” (MEIRELES, 1964)².

As palavras dos poetas são capazes de criar imagens inesperadas, súbitas aproximações entre objetos, e despertam aspectos antes não percebidos pela consciência do dia-a-dia. Nisto, percebe-se o “sentimento transformando em imagem” (BOSI, 1976, p. 13), que está ligado ao ilusório, instantâneo, ao fugaz e ao sonho.

Meireles, ao fazer seus leitores viajarem na sua poesia intimista, através do seu jogo de palavras e autenticidade, chega a possuir o leitor com a nostalgia da consagração das imagens que se dá no plano da íntima relação com o sentimento que desperta com a imaginação. Para Bosi, essa consagração se dá no plano da estreita relação com o sentimento que corre na criação da imagem (BOSI, 1996, p. 8). Usando esse jogo de imagem, a poeta se aproxima da abstração da musicalidade, do sentimento religioso e da fluidez dos sonhos, por meio de temas como o amor, a morte, o tempo e a eternidade.

Há um sentimento de inquietude nos textos cecilianos que a faz buscar sempre mais o inalcançável, o inatingível. A poeta não se satisfaz com o comum, produto da realidade circundante, esta não oferece a ela respostas para suas indagações existenciais. As imagens continuam a povoar o universo poético. Em suas poesias, Meireles deixa vazar um tom romântico e cheio de nostalgia, no qual ela atinge a plenitude do seu intimismo, com sua escrita simbólica, imagética e experimental. Ela usa da sinestesia para formar uma imagem insólita e poética que revela a inquietude do pensamento, ou seja, revela uma visão que provoca temas

² Cecília Meireles, em uma entrevista ao “Jornal Correio da Manhã”, em 1964.

como a fugacidade do tempo, a transitoriedade das coisas, o sonho e a solidão. É nessa inquietude que se faz reconhecer o simbolismo da natureza, do tempo e das lembranças sentidas nas poesias cecilianas.

Envolvida pelo seu intimismo, Meireles desenvolve um mundo de imagens, perdendo de vista a multiplicidade que ela gera. Ela confronta do passado filosófico, dualismos entre essência e aparência; efêmero e eterno; real e imaginário, agitando-os e transformando-os em paradoxos insolúveis, apontando para os abismos entre o mundo enquanto matéria e o mundo metafísico. Para a poeta, encontrar coisas onde ninguém as procurava, considerar cada poesia como uma apaixonante estratégia, ter uma explosão de ideias através das palavras a conduzia a uma variedade de saberes que fazia brotar suas belas poesias.

2.1 Vozes Outras no Estudo da Obra de Cecília Meireles

Cecília Meireles, poetisa do Modernismo brasileiro, porém ocupa situação peculiar, em consequência da vinculação com o Simbolismo que está evidente no clima geral de sua poesia. A “poeta”³, como prefere ser reconhecida, busca em sua poesia desvendar e explorar o subconsciente e o inconsciente nas relações misteriosas e transcendentais do sujeito humano consigo mesmo. Mário de Andrade enfatiza a sua qualidade artística e a importância dessa poeta para a Literatura, afirmando a sua peculiaridade.

Por todas as tão diversas conceituações e experiências de poesias que aparecem no movimento literário brasileiro do Modernismo pra cá, Cecília Meireles tem passado, não exatamente incólume, mas demonstrando firme resistência a qualquer adesão passiva. Ela é desses artistas que tiram seu ouro onde o encontram, escolhendo por si, com rara independência. E seria este o maior traço da sua personalidade, o ecletismo, se ainda não fosse o misterioso acerto, dom raro com que ela se conserva sempre dentro da mais íntima e verdadeira poesia (ANDRADE, 1955, p. 71).

O Modernismo brasileiro, mais precisamente, a terceira geração modernista, foi um momento de renovação dentro da Literatura. Dentro deste contexto cultural, surge Cecília Meireles com tudo de efêmero, cheia de fugacidade e levando seus leitores ao ilusório, pois seguiu suas próprias opções estéticas de forma

³ Por respeito à poeta Cecília Meireles, manteremos o termo neste trabalho.

independente, ela não vivenciou o Modernismo, mas atravessou-o, como que em linha reta, sem beber da essência desse movimento, escolheu seu próprio caminho, filiou-se ao lirismo luso-brasileiro, aos romanceiros e cancioneiros, tendo sua inspiração no Simbolismo.

Influenciada por filósofos religiosos orientais, ela combina espiritualidade fina e delicada com seu feminismo, e assim, percebe o universo, transluzindo a suavidade de sua poesia, vazada em versos curtos, musicais e imagéticos. Uma poética em que versos livres se mesclam a redondilhas, plasmada por referências de poetas árcades, simbolistas, modernistas, romanceiros e cancioneiros. O impulso para a exploração da linguagem efetuada pela poeta surge talvez desse lugar excêntrico, acentuado, inclusivo, pela tímida inserção do movimento simbolista no Brasil.

Conhecedora dos clássicos portugueses, os romancistas, os simbolistas, ela traz na sua estrutura poética, versos que apresentam várias métricas, rimas, vocabulário e sintaxe. Para Octavio Paz, “a *linguagem* com se escreve a poesia é, em sua essência, uma operação poética que consiste em ver o mundo como trama de símbolos e de relações entre esses símbolos” (1984, p. 83, grifo do autor). Meireles comunga bem dessa relação simbólica, cheia de imagens que estimula a imaginação do leitor. Não podendo esquecer a principal linha poética que identifica a obra ceciliana: a temporalidade, termo que nos versos é mais bem compreendido quando iluminado pelo pensamento do filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976), já mencionado antes.

Na obra ceciliana, a compreensão do tempo, o estar-no-mundo, compreender seu lugar, toma consciência de seus limites, faz parte do entendimento da temporalidade autêntica. A partir daí, a relação do eu-lírico com o mundo e com as coisas é a de criar espaço e não apenas ocupá-lo como os demais entes.

Nos estudos diretamente voltados à poesia, Heidegger, outra vez, coaduna-se com a obra ceciliana para concluir que é poeticamente que o homem “é”, estando “entre” o sagrado e o profano e podendo “habitar com o Ser”, instaurando a palavra sem tempo, permanente, através de seus versos. O tempo é uma das molas mestras e um traço recorrentemente trabalhado pela poeta e, conseqüentemente, tema de estudo para os críticos de Meireles, como Darlene Sadlier nos informa:

Cecília Meireles talvez seja a poetisa da sua geração que mais trabalhou com o tema do tempo, e, de certa maneira, sua obra inteira talvez possa ser lida com um comentário sobre o fugaz e o eterno, ou seja, aquelas “coisas fugidias” cuja frágil existência é transformada no eterno pela memória e pelo verso (SADLIER, 2007, p. 257).

Considerar a poesia de Cecília Meireles de excelência não é prerrogativa, o valor de sua obra é incontestável. Poetas como Bandeira, Mário de Andrade, Drummond, entre outros, já cantaram em prosa e verso sua paixão pela poesia ceciliana, conforme se vê, em:

Cecília é o caso de poesia total. Cecília é o próprio nome da poesia. Riqueza verbal e espiritual. E nobre por fora e por dentro. Não participa nunca das coisas menos elevadas. Não tem deficiências. É poesia no sentido universal. Tem coisas que não se encontram em nenhum outro (DRUMMOND *apud* BLOCH, 1964, p.35).

O estilo ceciliano é único dentro da Literatura Brasileira, permite que nela transitem, entre a forma fixa e o verso livre, diversas possibilidades formais do idioma, desde as influências ibéricas e portuguesas até a contemporaneidade. Essa variedade de formas de manifestação resulta numa gama de recursos expressivos em que a poeta tem toda a liberdade para exercitar a sua “poesia pura”, absoluta, sem limites ou restrições, cujo lirismo “transita do mundo interior para o mundo das concreções, abrindo-se os olhos do poeta para novas impressões que se transmudavam em canto” (DAMASCENO, 1994, p.10).

Sobre o lirismo encantador da poeta, Mário de Andrade afirma que em Cecília Meireles, percebe-se uma capacidade lírica inconfundível de se deixar guiar pelas suas intuições e mergulhar em momentos de profundos vazios lógicos, num “eclipse” ou ofuscamento intelectual significativo. Observe que Mário de Andrade se refere a “certos instantes” da poética ceciliana, uma vez que muitos poemas da autora nos deixam essa sensação de “vagueza” ou imprecisão pelo clima de abstração e fluidez que evocam. Mário de Andrade afirma:

Lirismo puro é aquele em que a ordem subconsciente substitui a ordem intelectual; aquele que pode suscitar um jogo de imagens nascido duma inspiração única inicial; aquele que permite ao poeta que se deixa levar pelo eu profundo [...] grafar certos instantes de vacuidade em que há como que um eclipse quase total da reação intelectual (ANDRADE, 1955, pp. 242 e 247, grifo do autor).

A poesia de Cecília Meireles pode ser considerada sábia, serena, reveladora e transformadora, mas enigmática, inefável. Certa vez, quando perguntado a ela sobre qual seria seu maior defeito, respondeu: “uma certa ausência do mundo” (DAMASCENO, 1994, p.15). Talvez seja por isso que a poeta sai em busca do imagético e faz transbordar seu intimismo dentro da sua poesia.

A Literatura de Cecília Meireles, ainda que afastada do “grupo de 22”, em nada deve em relação a conquistas e inovações. Enquanto alguns escritores desse momento estavam preocupados com o nacionalismo regionalista, como Mário de Andrade, por exemplo, a escritora carioca volta seu olhar para o universal, preocupa-se em investigar a natureza do homem e os conflitos que o envolvem, utilizando-se de uma estrutura formal em que o clássico e o moderno convivem harmoniosamente.

A crítica literária que perpassa a obra de Cecília Meireles mostra que foram poucos os estudiosos da obra da escritora carioca que não souberam reconhecer o tom inovador de sua poesia. Num primeiro momento, a singularidade dos versos cecilianos diante das propostas da geração de 22 causou um certo estranhamento à intelectualidade da época. Todavia, suas publicações revelaram um talento único e fizeram com que os versos da autora fossem valorizados à proporção em que sua escritura amadurecia, sendo reconhecida positivamente pela própria poeta e pela crítica.

Meireles é considerada por críticos como dona de uma escritura selvagem, casta, universal, hipersensível, inspirada, surreal, simbolista, intimista, entre outras definições de natureza tão diversa. A verdade é que o lugar dessa poeta, até hoje, não foi ocupado por nenhuma outra “poeta” na Literatura Brasileira, graças à sua independência lírica, que certamente se nutria de uma completa fidelidade às raízes simbolistas, cujos ecos permaneceram constante ao longo de sua carreira.

Poeta da transitoriedade, da sinestesia, da metáfora, da prosopopeia, da analogia, de um tom intimista de unir às palavras às frases, e as frases aos versos. Poeta da ausência, do inefável, Cecília Meireles com sua pura poesia, desafia a crítica a interpretar o sentido que lhe dá transcendência, sem abdicar de sua distância do mundo. Suas obras apresentam muitas faces, construída sob a

subjetividade e o lirismo, em especial, no livro *Viagem* (1942), que traduz de forma lírica a visão da autora, através de suas observações diversificadas dos locais em que esteve e, sobretudo, suas visões subjetivas dos sentimentos referentes às suas convicções sobre a vida/morte e o amor, e até mesmo sobre suas dúvidas sobre o momento efêmero da sua própria vida. Tudo isso, vivenciado em simples pensamento expressado em belas palavras.

2.2 *Viagem*: o ser e o tempo pegam carona com Cecília Meireles

Com o livro *Viagem* (1942), Cecília Meireles encontra seu estilo definitivo. O verso melódico sustenta os motivos fundadores de sua poética – sonho, solidão, mar, canção, melancolia, nuvens, céu, morte. A obra consagra a autora, além da interpretação de uma trajetória espiritual, *Viagem* apresenta poemas que refletem sobre o fazer poético, em indagações ainda encontradas em livros posteriores.

A obra pertence ao panorama do Modernismo brasileiro, mas assinala sua singularidade primordial no Simbolismo. São poemas marcados pelo engrandecimento dos elementos mais simples da existência, os quais adquirem significação simbólica. Pela capacidade lírica inovadora, retrata uma permanente viagem interior, intimista e introspectiva, sugerindo, num tom leve e delicado, temas de melancolia, fuga pelo sonho, o vazio do existir, saudades e sofrimento. Essas características percorrerão toda sua obra lírica.

Poeta da fugacidade, da precariedade, da provisoriedade, Cecília Meireles, em *Viagem*, marca essa noção capital de fluidez em vários dos elementos da natureza que surgem ao longo de sua poesia, dentro de um fluxo mais amplo que é o do próprio canto. Utilizando-se de jogos de palavras, metáforas, sinestésias, dentre outras figuras de linguagem, o eu-lírico investiga o processo de criação literária.

Há em *Viagem*, as clarezas clássicas, a nitidez dos metros e dos consoantes parnasianos, os esfumados de sintaxe e as tocantes dos simbolistas, as aproximações inesperadas dos super-realistas (surrealistas). Tudo bem assimilado e fundido numa técnica pessoal, segura de si e do que quer dizer. Essa obra

consagrou a autora, além da interpretação de uma trajetória espiritual, através da apresentação de poemas que refletem sobre o fazer poético e traduz de forma lírica a visão da autora, através de suas observações diversificadas, de suas visões subjetivas dos sentimentos referentes às suas convicções sobre a vida e o amor e, até mesmo sobre suas dúvidas ante a efemeridade dos momentos e da própria vida. Tudo isso em uma ótica que concretiza seus versos, transformando-os mais do que simples pensamentos.

Nos versos de *Viagem*, de Cecília Meireles, observa-se que a poeta talvez quisesse externar uma existência que carecesse de algum sentido a mais, expresso em versos que remetem a um estado de fugacidade da vida em momento de interrogações sobre a existência humana, em incertezas. Há uma consciência poética que resgata momentos de angústia, que gera a dúvida, a incerteza frente às coisas, gerando, de forma concomitante, certa ansiedade frente a tudo que não se compreende totalmente. A obra *Viagem* possui uma capacidade lírica inovadora que retrata uma permanente desarticulação interior, intimista e introspectiva sugerindo, num tom leve e delicado, os temas trabalhados por Meireles.

Estudar Cecília Meireles é entrar em contato com um mundo espiritual e simultaneamente concreto, que nos leva a uma série de reflexões e descobertas, descoberta do “ser”, do “tempo” que nos cerca – mesmo sem entender – e nos revela uma sensibilidade, ligada ao etéreo e às transformações. Cada poema aborda vários aspectos do ser humano, modelando o formato de seu corpo e alma e trazendo consigo simbolismos ocultos por trás de cada palavra.

Cecília reinventa a vida e, fora da nossa realidade e do tempo real, cria o seu próprio tempo e espaço para poder viver. Ela dá sentido à vida, através da realização artística, ao deixar-se levar para além dos limites temporais, onde a vida não seja apenas uma ilusão, senão a autêntica realidade. E é precisamente esta capacidade de invenção que ajuda a superar a angústia e o desespero do fluir do tempo e da morte inevitável. A capacidade de invenção observada na obra de Cecília Meireles está ligada ao jogo de imagem que ela usa, ou seja, imagens que, criadas no nosso inconsciente num estado entre vigília e sonho, fazem parte do mundo imaginário e ilusório.

É, então, anterior às palavras, por ser primeiro vista e só depois exprimida por palavras que, no caso da poesia ceciliana, permitem outra vez a sua visualização. Por outras palavras, podemos dizer que as imagens nascem no inconsciente, mas é pelo consciente que são trazidas à luz, onde surge um novo mundo criado. As imagens não têm um contorno nítido, pelo contrário, são pouco concretas, e, ao terem essa capacidade de significar mais de uma coisa, é indispensável que o leitor faça participar também os seus próprios sentidos, porque sem eles a poesia não estará bem compreendida.

Do ponto de vista filosófico é necessário dizer que a vida é sempre encarada como se tratasse de um sonho. Há um conflito entre o material e o espiritual, que cristaliza na simpatia da poeta pelas belezas do mundo e na conseqüente desesperação da transitoriedade de tudo. Meireles extrai muito da vida, interessando-se, ao mesmo tempo, pelo universo e as leis naturais. O mais importante é a essência de tudo, inclusive da própria poesia, que não se encontra no mundo visível e por isso é difícil atingi-la. Os sentidos e a sensibilidade em geral mantêm a sua importância, mas a consciência da fugacidade traz consigo também o componente do inteligível que permite à poeta procurar a liberdade e a sua própria forma de existência.

O livro *Viagem* contém cem poemas, dos quais são treze epigramas e o resto é formado por oitenta e sete poemas líricos. As epigramas têm o seu significado particular, uma vez que funcionam como estruturador do livro, na medida em que o abrem e fecham e dividem em jornadas singulares. É uma espécie de desabafo, de “suspiro” da autora que interrompe a sua viagem espiritual para poder descansar a poeta e, também, o leitor.

De certo modo, resume-se neles, de forma mais evidente e clara, aquilo que a poeta diz nos restantes dos poemas, que desenvolvem mais profundamente o tema do “tempo” e do “ser”. As canções representam a poesia em geral. Aqui, pode-se perguntar: Em que consiste a essência da canção de Cecília Meireles? A resposta está escondida por trás dos poemas de *Viagem*. A poesia não é um mero canto da poeta; é a sua maneira de expressar os sentimentos pessoais e a sua visão do mundo. É, então, “a flor do espírito”, o mais nobre que sai do coração de quem a escreve.

Desta maneira é que o canto pode ser visto como uma parte da poeta e da sua vida, que, mesmo que seja imaterial ou, talvez, justamente por isso, ultrapassa a realidade do mundo que está sujeito às limitações da vida. A poeta sabe que os tempos são “versáteis” e que não vai ficar aqui para sempre e por isso elege esta forma específica de sobrevivência que é o canto. E esta liberdade é aquilo que a poeta ansiosamente procura através da criação poética.

A poeta se realiza através do canto e é dele que, de certo modo, é a sua maneira de sobreviver. Pode se dizer que o canto funciona como uma que ajuda à poeta a ultrapassar as fronteiras do espaço e tempo, embora com uma diferença: vida serve só para criar até não poder mais, e o canto é a garantia da sobrevivência do componente espiritual da poeta. O canto expressado através da poesia é a possibilidade de voo, de ascendência, mas também de transcendência, que permite a reinvenção da realidade.

Encontram-se, nesta obra, os elementos naturais (a água, o ar, a terra, o fogo). Esses elementos têm, na poesia ceciliana, um valor simbólico e estão relacionados com a temática do tempo. A problemática da sua simbologia pode ser vista, sob vários ângulos, principalmente quanto se trata dos elementos da natureza.

A viagem espiritual de Cecília Meireles termina com a aceitação da autora de que tudo foi “sobrenatural”, “um jogo de puro transcendentalismo”, uma busca do “eu”, pela compreensão do “tempo” que, no mundo real, não tem nenhum peso. A autora regressa da sua viagem pelo interior, pronta para continuar a sua vida dentro dos limites da realidade, sem contar mais com a fuga para o mundo ilusório, que é o privilégio da poesia.

CAPÍTULO III – OS OLHARES EM TRÊS POEMAS

Diante do fascínio da poesia de Cecília Meireles, principalmente da sua obra *Viagem*, faz-se necessário nos aprofundarmos mais um pouco. Pensando nisto, escolhemos três poemas para serem analisados sob o olhar intimista. O primeiro poema escolhido é “Epigrama nº 2”. Neste poema, poderemos nos aprofundar na fugacidade do tempo, vivenciado no “eu”, que sofre diante do que é passageiro e sem definição. Em seguida, a poeta vai nos levar a um mundo de paixão não correspondida e com um jogo de palavras simbolizadas pela natureza (mar, céu, estrelas, água) ela nos revela a aceitação das coisas, percebemos a determinação da poeta logo no título do poema “Aceitação”. Por último, viajaremos no mundo de tempestade que leva ao questionamento de um “Acontecimento”.

A obra poética de Meireles é tão extensa que seria impossível fazer um estudo pormenorizado de tempo que abrangesse todas as suas coletâneas num trabalho como este, cujas proporções são limitadas. Isto nos obrigou à restrição do conteúdo, mas, como não quisemos prejudicar a forma com uma análise superficial de toda a sua obra poética, resolvemos dirigir a nossa atenção para os poemas que escolhemos, os quais consideramos mais relevantes para o estudo do tema.

É importante enfatizar que a poesia ceciliana não é uma mera coleção de palavras belas que soam muito bem, mas que atrás dessas palavras escondem-se pensamentos bastante sofisticados, que formam quase uma filosofia de vida. Parece ser um jogo de palavras, mas no fundo é tão complexo que deve ser decifrado através da compreensão dos recursos que a poeta aplica.

3.1 Epigrama Nº 2

Vivenciando o desencanto, Cecília Meireles fala do tempo que, por se passar ligeiramente, promove o desencontro e, conseqüentemente, a solidão. Neste mundo de incompletude e perenes lacunas – um sentimento bem romântico e característica latente do simbolismo – onde o amor nunca se completa, nem a união física serve de consolo, pois o instinto é um “enigma”, a felicidade, “precária e veloz”, vem ainda

contribuir para calar mais fundo a tristeza. O tempo é natural, tem prazo para terminar e assegura o ser no momento, por isso é chamado de intratemporal, que deriva da temporalidade, que modifica a ordenação dos êxtases, pondo na vanguarda o presente das coisas.

No poema Epigrama Nº 2, a poeta traz a felicidade como algo efêmero, gerada pela tristeza e pela melancolia. O próprio título do poema já se coloca cheio de significado e traz uma reflexão sobre o sentido que a felicidade representa no tempo. Com dois quartetos e rimas pouco marcadas, reflete a melancolia dos versos. O eu-lírico, em nem um momento, se refere a si mesmo, ou seja, ao “eu”, generaliza todos os homens, mostrando que o sofrimento da espera e da perda da felicidade é comum entre todos.

O tempo é objeto de preocupação. A existência humana é por ele dividida. A temporalidade converte-se, como na Física de Aristóteles, em medida de movimento. Sem princípio nem fim, seu correspondente essencialista no “mundo superior das ideias”, é a eternidade de que constitui a “imagem movente”. O agora, regido pela intratemporalidade, dominado pelo presente e sob a perspectiva do cotidiano traz a preocupação com o mundo ao redor.

No primeiro verso, a poeta utiliza o fenômeno da personificação para mostrar o contraditório da felicidade utilizando as palavras “precária” e “veloz”. No verso seguinte a felicidade é apresentada como algo difícil de ser vivida, pois: “[...] Felicidade. / Custas a vir, e, quando vens, não te demoras” (vide Texto I, Apêndice, 1º e 2º versos). Aqui nos deparamos com a fugacidade da felicidade, pois é impossível prendê-la, sua passagem é rápida e quase imperceptível.

Logo em seguida, a poeta parece conversar com a felicidade e se refere a ela como o próprio tempo: “Fôste tu que ensinaste aos homens que havia tempo / e, para te medir, se inventaram as horas” (vide Texto I, Apêndice, 3º e 4º versos). O tempo que traz a felicidade é o mesmo que traz a sensação do receio da perda. Devido à felicidade de ser tão breve e custosa cabe ao homem inventar as horas para poder medir o tempo de felicidade.

Essa afirmação: “Fôste tu que ensinaste aos homens que havia tempo”, soa como um questionamento que, relacionando ao pensamento heideggeriano,

perceberemos que o eu-lírico tenta acusar a felicidade de ter ensinado aos homens a fugacidade do tempo, tirando de si a culpa de não poder vivenciar tal euforia. Isso revela que o eu-lírico tenta entender o *ente*, pois todo questionamento é uma procura e essa procura retira do procurado sua direção prévia, ao questionar se está procurando, cientemente, o *ente* no que ele é e como ele é.

Na segunda estrofe, a palavra felicidade é relacionada ao termo “coisa”, indicando a dificuldade do eu-lírico de compreender o sentimento que o completa e se esvazia rapidamente. Por esta razão, na qual é usado o adjetivo “estranha”, entende-se algo que tem o poder de fazer a “vida ficar triste”. Nos dois últimos versos, percebe-se que o eu-lírico já experimentou da felicidade e, portanto, sabe o quanto pode e deve esperar dela, pode-se dizer que esse sentimento passageiro é apenas uma interrupção de um momento de infelicidade.

A felicidade é algo que nos faz sorrir, no entanto, o eu-lírico faz um contraste ao afirmar que a felicidade é uma “coisa” “dolorosa”, algo que faz sofrer, que faz da vida sempre triste. Isto porque os homens buscam sentir uma coisa que é fugaz, que dura apenas uns instantes e que se vai sem deixar marcas, restando apenas o tempo, pelo qual todos têm que passar e que também não é duradouro, enquanto buscamos um pequeno momento de felicidade. De contrário, o tempo age silenciosamente, acabando com a felicidade.

3.2 Aceitação

Com um linguajar simples, o eu-lírico mostra-se apaixonado, uma paixão não correspondida, de tal forma que ele afirma que é mais fácil o impossível do que ter o amado próximo a si. Tal atmosfera platônica evoca a ideia, aquela que aceita que este amado pode nem existir. Talvez seja só o sonho de um amor, que nunca se realiza. O eu-lírico ama uma ideia, um jogo de espelhos.

O poema vem enfatizar o quanto pode ser difícil alcançar o outro e com ele, a felicidade. Na certeza de que alcançar o rumo dos passos do ser desejado é impossível, o eu-lírico afirma que é mais fácil ouvir a passagem das estrelas do que saber o destino do ser referido. Mesmo sabendo da instabilidade das nuvens e da distância que elas se encontram em relação à Terra, nuvem e estrelas parecem ser

mais acessíveis. A angústia, o jogo de palavras, a sensibilidade, a intuição e a emoção, vivenciados no jogo de palavras, revela-nos a fuga do concreto. Cria uma imagem poética fazendo a fusão com elementos da realidade concreta através da sensibilidade presente do desejo que a consome

No verso seguinte (vide Texto II, Apêndices, 4º verso), com o mesmo sentido, é mais fácil ainda ao eu-lírico “[...] debruçar os olhos [...] / e assistir, lá no fundo, ao nascimento mudo das formas” (vide Texto II, Apêndices, 4º e 5º versos) do que o outro venha corresponder aos seus desejos. Percebe-se que não existe uma grande exigência do eu-lírico, ele só quer saber o rumo dos passos ou, simplesmente, um gesto. Daí, a aceitação do estado das coisas, um ceder voluntário que envolve o eu-lírico que implora por atenção.

Percebe-se, também, que os apelos corporais ficam em segundo plano, pois os verbos “pousar”, “sentir” e “debruçar” estão relacionados à natureza, não ao ser desejado, por isso não é de se surpreender que o eu-lírico descarte o desejo de alcançar o outro. Aqui podemos perceber o transcendentalismo de Ralph Waldo Emerson, quando este autor afirma que a forma de encontrar a essência humana é através de um mergulho interior persistente. À procura do que é essencial, o eu-lírico tenta colocar em ordem seus desejos para encontrar o desejado.

Nas primeiras estrofes, percebe-se o desânimo, a impossibilidade de ser correspondido. Tal desilusão é preenchida nas últimas estrofes, visto que o desencanto é total. Já não interessa mais nem a natureza (estrelas, mar), nem o próprio amado e, para finalizar, o eu-lírico opta por viver seus sentimentos como as cigarras, que ao expressar seus sentimentos na musicalidade morre, o eu-lírico decide morrer de amor. O desejo já não interessa, a morte passa ser a única certeza que o eu-lírico tem, restando ao mesmo o canto que tem o poder de fazer esse sentimento transluzir.

O cenário que compõe o ambiente do eu-lírico é cheio de significados: as nuvens (1º verso) simbolizam a inconstância do amor; as estrelas (2º e 8º versos), por serem admiradas pelo seu belo brilho, revelam a imagem atraente e desejável do ser que interessa ao eu-lírico. Já o oceano, local onde se origina vidas (4º e 5º versos) representa o amado em sua plenitude, apresenta-o como capaz de gerar uma vida/esperança.

Vale ressaltar que os versos não indicam que o eu-lírico se encontra num espaço marcado pelo mar, por estrelas ou por nuvens, mas que se encontra mais próximo desses elementos do que do amado. Pois a natureza eleva a alma muito mais do que o simples desejo que aprisiona os sentidos e o Ser.

Diante da privação do desejado e de uma natureza que faz lembrar a impossibilidade de realização, o eu-lírico opta por desistir de tudo: “Não me interessam mais nem as estrelas, nem as formas do mar, / nem tu” (*sic.*, vide Texto II, Apêndices, 8º e 9º versos). Ao colocar o “tu” em último lugar, percebe-se que o eu-lírico exclui o outro de seus interesses, na verdade, ele passa a aceitar tal acontecimento, como o próprio título do poema justifica.

Os versos finais mostram que essa aceitação de impossibilidade é substituída pelo canto: “Desenrolei de dentro do tempo a minha canção: / não tenho inveja às cigarras: também vou morrer de cantar” (vide Texto II, Apêndices, 10º e 11º versos). A musicalidade sacia e completa o eu-lírico. A poeta retrata a transitoriedade a que todos estamos submetidos, uma vez que

nossa existência humana é imperfeita e efêmera. A canção a qual o eu-lírico se refere pode ser entendida, como um caminho/solução para suportar a desilusão que faz transcender o humano e lhe dar a capacidade de aceitação.

3.3 Acontecimento

Como o próprio título do poema sugere, o poema trata de algo que aconteceu e novamente nos deparamos com o sofrimento da decepção. Na primeira estrofe, o eu-lírico afirma que se encontra junto à tempestade, que simboliza uma perturbação violenta. No segundo verso, o eu-lírico se coloca como uma criança, a chorar. Já nos versos seguintes, ele mostra o motivo do seu choro, da sua decepção: “que viu que não eram verdade / o seu sonho e a sua esperança” (vide Texto III, Apêndices, 3º e 4º versos).

O termo “criança”, usado no segundo verso, simboliza uma pessoa inocente, ou seja, que acreditou em uma coisa que não se realizou. A vida do eu-lírico é representada metaforicamente pela palavra “sonho” e “esperança” e não foi o que ele esperava. A poeta tira de dentro do seu ser o que há de mais íntimo: a

“inocência”, expressada pela palavra “criança”, para expressar a grandeza da dor que está sentindo ao perceber que seus sonhos eram apenas sonhos e que na realidade não resta nem a esperança.

Na segunda estrofe, usando da personificação, a poeta dá vida à natureza que toca o eu-lírico de forma tão significativa que parece lhe agredir, e em seguida, suaviza, trazendo de volta a tranquilidade da natureza. Nisto nos deparamos com a derrota da vida do eu-lírico, revelando que seus pensamentos vão se desfazendo em desgosto, ou seja, antes de ser decepcionado ele tinha uma perspectiva de uma vida feliz, mas agora foi desfeita.

Ao sentir a “chuva bater no rosto”, a suavidade do vento em seus cabelos, o eu-lírico pensa, e ao pensar senti desgosto. Notamos que ao associar a natureza ao seu pensamento, é como se o eu-lírico buscasse se refugiar na calma da água e na suavidade do vento.

Dando continuidade à dor da decepção, a terceira estrofe enfatiza, usando o termo “noite”, como símbolo de escuridão, a palavra “tumulto” nos remete à continuidade das tempestades. Nos versos seguintes, vemos um eu-lírico egoísta, que prefere vivenciar todo sofrimento sozinho, não quer que ninguém veja seu pranto nem pergunte o motivo do seu sofrimento, como dito nos últimos versos: “para não me veres em pranto, nem saberes, nem perguntas:” (vide Texto III, Apêndices, 11º e 12º versos). O eu-lírico não aceita a decepção que está passando e busca a natureza como esconderijo para que o “outro” não perceba seu pranto.

Para finalizar, na quarta estrofe, o eu-lírico se lembra da alegria vivida e não permite que ninguém o indague sobre tal felicidade, simbolizada pela palavra “sorriso” no primeiro verso, que era radiante e que agora só lhe resta um olhar indeciso diante da pergunta aterrorizante que consome e tortura o eu-lírico: “«Que foi feito...?»” (vide Texto III, Apêndices, 16º verso). A brevidade desse mesmo olhar se indaga: o que foi feito daquilo tudo que lhe fazia sonhar e lhe fazia sorrir, o que foi feito?

Notamos que o tempo se estagna para o eu-lírico que se interroga, tentando encontrar uma resposta para sua vida que antes era de alegria, “sorriso” e agora só lhe resta o pensamento e a interrogação: “que foi feito?”, no entanto, se formos olhar sob o olhar heideggeriano, perceberemos que, ao questionar o eu-lírico já tem um

resposta, pois quanto se questiona o ser é o perguntado que é compreendido. Ao se questionar o eu-lírico compreende a grandeza da sua tristeza, por isso, não deseja que alguém se atreva a interrogá-lo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudando sobre a obra de Cecília Meireles, em busca do que é mais secreto do seu ser, percebemos como a poeta brinca com suas palavras, transformando o simples no belo. Para tanto, a escritora se valeu da fugacidade dos sentimentos, através da transitoriedade do tempo e o simbolismo das imagens refletidas em suas palavras.

Poeta da transitoriedade, da fugacidade, do simbolismo, do intimismo que por meio das suas poesias torna possível viajar pelas imagens que seus poemas nos leva. Acreditando nessa viagem podemos sentir/viver a emoção dos momentos através da imaginação.

Este trabalho só foi possível através da fortuna crítica de Cecília Meireles e dos autores: Mário de Andrade, Alfredo Bosi (1996), Martin Heidegger (2002), Darcy Damasceno (1994) e Darlene Sadlier (2007). Podemos concluir que em *Viagem*, em especial os poemas escolhidos para análise, constatamos a existência da fugacidade do tempo, o eu-lírico em uma relação mais íntima com o ser. Além disso, a poesia cecilianiana ocupa o espaço em que vive e se deixa levar pela imaginação que é ponte da mensagem que a poeta tenta passar através do seu canto transcendente.

Viagem não termina aqui e pode ser recomeçado novamente e quantas vezes quisermos, porque não há nem princípio nem fim e tudo se repete num movimento ceciliano gostoso de ser sentido/vivido. A composição dos poemas, assim como a estrutura do livro, comprova então o espírito invencível da poesia que só reconhece que há um final, mais continua na sua luta com o tempo.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. Em face da poesia moderna. In: MEIRELES, Cecília. **Obra Poética**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2002.

ANDRADE, Mário de. **O imperador de passarinho**. 2ª Ed. São Paulo: Martins, 1955.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1976.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, 1996.

_____. O tempo e os tempos. In: NOVAES, Adauto (Org.). **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, pp. 19-32.

BLOCH, Pedro. **Entrevista**. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1989.

DAMASCENO, Darcy. Poesia do sensível e do Imaginário. In: MEIRELES, Cecília. **Obra Poética**. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, 2002.

HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis (RJ)/ Bragança Paulista (SP): Editora Vozes/ Editora Universitária São Francisco, 2003.

_____. **Ser e Tempo**. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

MEIRELES, Cecília. **Viagem**. 1ª Ed. Lisboa: Editorial Minerva, 1942.

PAZ, Octavio. **Os filhos do barro: do romantismo à vanguarda**. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

SADLER, Darlene. **Imagery and theme in the poetry of Cecília Meireles – a study of *Mar Absoluto***. Maryland (USA): Studia Humanitatis, 2007.

APÊNDICES

Texto I:

EPIGRAMA No. 2

És precária e veloz, Felicidade.
Custas a vir, e, quando vens, não te demoras.
Fôste tu que ensinaste aos homens que havia tempo,
e, para te medir, se inventaram as horas.

Felicidade, és coisa estranha e dolorosa.
Fizeste para sempre a vida ficar triste:
porque um dia se vê que as horas tôdas passam,
e um tempo, despovoado e profundo, persiste.

(In: MEIRELES, Cecília. Viagem, 1942, p. 43)

Texto II:

ACEITAÇÃO

É mais fácil pousar o ouvido nas nuvens
e sentir passar as estrêlas
do que prendê-lo à terra e alcançar o rumor dos teus passos.

É mais fácil, também, debruçar os olhos no oceano
e assistir, lá no fundo, ao nascimento mudo das formas,
que desejar que apareças, criando com teu simples gesto
o sinal de uma eterna esperança.

Não me interessam mais nem as estrêlas, nem as formas do mar,
nem tu.

Desenrolei de dentro do tempo a minha canção:
não tenho inveja às cigarras: também vou morrer de cantar.

(In: MEIRELES, Cecília. Viagem, 1942, p. 56)

Texto III:

ACONTECIMENTO

Aqui estou, junto à tempestade,
chorando como uma criança
que viu que não eram verdade
o seu sonho e a sua esperança.

A chuva bate-me no rosto
e em meus cabelos sopra o vento.
Vão-se desfazendo em desgosto
as formas do meu pensamento.

Chorarei toda a noite, enquanto
perpassa o tumulto nos ares,
para não me veres em pranto,
nem saberes, nem perguntares:

«Que foi feito do teu sorriso,
que era tão claro e tão perfeito?»
E o meu pobre olhar indeciso
não te repetir: «Que foi feito...?»

(In: MEIRELES, Cecília. Viagem, 1942, p. 68)